VIDERE
V. 15, N. 33, JUL- DEZ. 2023
ISSN: 2177-7837

Recebido: 14/07/2023
Aprovado: 30/08/2023

Páginas: 141 - 157

DOI: 10.30612/videre.v15i33.17315

*
Mestre em Direito e Desenvolvimento Sustentável (Unifacvest). Pós-graduada em Direito Administrativo (Uniderp) e em Direito Penal (Uniasselvi). Bacharel em Direito (Uniarp)
renatamarafon27@gmail.com
OrcidID: 0000-0001-9177-3663

**
Graduada em Filosofia pela UERJ e em Direito na UVA. Mestre em Filosofia pela PUC-Rio. Doutora em Direito pelo PPGD UVA . Doutoranda do PPGFIL UERJ. Pós-Graduada em Direito Constitucional pela UCAM/OAB, Pós-Graduanda em Direito Previdenciário pela Legale e advocacia feminista e os direitos da mulher . Docente do Programa de Mestrado em Direito e Desenvolvimento Sustentável da Unifacvest
prof.ana.eccard@unifacvest.edu.br
OrcidID: 0000-0001-6878-1497

CC BY NC SA

UMA ANÁLISE DO DIREITO AO CRIME NA OBRA DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

AN ANALYSIS OF THE RIGHT TO CRIME IN THE BOOK OF FYODOR DOSTOYEVSKY

UN ANÁLISIS DEL DERECHO AL DELITO EN LA OBRA DE FYODOR DOSTOYEVSKY

Renata Marafon*
Ana Flávia Costa Eccard**

RESUMO
Crime e Castigo de Fiódor Dostoiévski, escrito em 1866, com a figura do homem extraordinário, inspirou diversos outros autores, dentre eles, o alemão Friedrich Nietzsche e o Super-homem de Assim falava Zaratustra. Na obra do russo, o homem extraordinário, aquele de inteligência e importância excepcional, justifica suas ações em nome de "um bem maior". Trazendo ao contexto atual, quem seria esse homem extraordinário/Super-homem? Através da análise de fatos da história atual e recente, mostrar-se-á figuras emblemáticas que viram-se como verdadeiros homens extraordinários e tomaram atitudes questionáveis e muitas vezes reprováveis, sob o parâmetro de estarem em busca de um bem maior em prol de suas nações ou até de justiça, mas verdadeiramente somente estavam em uma manifestação de poder e uma queda de braço invisível a fim de demonstrarem uma superioridade imaginária perante os demais membros da sociedade.
PALAVRAS-CHAVE: Homem extraordinário. Super-homem. Nietzsche. crime

ABSTRACT
Crime and Punishment written by Fyodor Dostoevsky in 1866, with the figure of the extraordinary man, inspired several other authors, among them the German Friedrich Nietzsche and the Superman of Thus Spoke Zarathustra. In the Russian's work, the extraordinary man, the one of exceptional intelligence and importance, justifies his actions in the name of "the greater good". Bringing it to the current context, who would this extraordinary man/Superman be? Through the analysis of facts from current and recent history, emblematic figures will be shown who saw themselves as true extraordinary men and took questionable and often reprehensible attitudes, under the parameter of being in search of a greater good in favor of their nations or even justice, but truly they were only in a manifestation of power and an invisible arm wrestling in order to demonstrate an imaginary superiority before the other members of society.
KEYWORDS: Extraordinary man. Superman. Nietzsche. crime

RESUMEN
Crimen y Castigo de Fiódor Dostoievski, escrito en 1866, con la figura del hombre extraordinario, inspiró a varios otros autores, entre ellos, el alemán Friedrich Nietzsche y el Superhombre de Así Habló Zaratustra. En la obra del ruso, el hombre extraordinario, el de excepcional inteligencia e importancia, justifica sus acciones en nombre del "bien mayor". Trayendolo al contexto actual, ¿quién sería este extraordinario hombre/Superman? A través del análisis de hechos de la historia actual y reciente, se mostrarán personajes emblemáticos que se vieron a sí mismos como verdaderos hombres extraordinarios y adoptaron actitudes cuestionables y muchas veces reprobables, bajo el parámetro de estar en la búsqueda de un bien mayor a favor de sus naciones o incluso de la justicia. , pero en verdad sólo estaban en una manifestación de poder y un pulso invisible para demostrar una superioridad imaginaria ante los demás miembros de la sociedad.
PALABRAS CLAVE: hombre extraordinario. Super hombre. Nietzsche. delito

1 INTRODUÇÃO

Considerada um clássico da literatura mundial, Crime e Castigo de Fiódor Dostoiévski, que inspirou a figura do Super-homem nietzschiano, traz a emblemática problemática atinente ao "Direito ao Crime", praticados pelos chamados "homens extraordinários", aqueles de inteligência e importância excepcionais, que justificam suas ações em nome de "um bem maior".

Em primeiro momento, tem-se a impressão de que realmente o direito ao crime restou atrelado somente ao conteúdo da obra de Dostoievski, mas conforme se demonstrará ao longo do estudo, a percepção de autorização para o cometimento de ações extrapola a obra e é possível notar a percepção de diversos humanos que ao longo do curso da humanidade se imaginaram extraordinários.

A figura do homem extraordinário tem semelhança indiscutível ao Super-homem de Nietzsche. A essas figuras, era dado o direito de serem maus, já que a maldade era atributo necessário para o alcance dessa versão suprema do homem comum. Através da maldade, o Super-homem utilizaria de todos os recursos para alcançar seus objetivos sem a culpa que acometeria ao homem médio ao cometer atrocidades para o bem maior. Nesse sentido, trazendo ao contexto atual, quem seria esse homem extraordinário/Super-homem?

Através da análise de fatos, da história atual e recente, mostrar-se-ão figuras emblemáticas que enxergaram-se como verdadeiros homens extraordinários e tomaram atitudes questionáveis e muitas vezes reprováveis, sob a justificante de estarem em busca de um bem maior em prol de suas nações ou até de justiça, mas verdadeiramente somente estavam em uma manifestação de poder e uma queda de braço invisível a fim de demonstrarem uma superioridade imaginária perante os demais membros da sociedade.

2 SOBRE A PREMISSA DA OBRA

Raskólnikov era um jovem desafortunado em seu destino, que abandonara seus estudos ante a pobreza, fome e prestes a ser despejado de seu minúsculo quarto em São Petersburgo. Obra do século XVIII, mas com situação igual a de muitas pessoas da atualidade, assim começa Crime e Castigo.

Será que as necessidades retiraram sua percepção da realidade e a capacidade de julgamento ou o personagem sempre foi desprovido de sentimentos humanos?

> [...] O canalha do homem se acostuma com qualquer coisa! (...) mas se eu estiver mentindo, se realmente o homem não for, na verdade, um canalha completo, se houver humanidade em todos? Se for assim não haverá limites para os homens! (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 21)

Em sua jornada, Raskólnikov, o qual tinha somente como família a mãe e a irmã, que com muitas dificuldades lhe enviavam dinheiro para os estudos, sente-se um fardo. A irmã, governanta, aceitou o pedido de casamento de um senhor muito mais velho visando com isso poder auxiliar a família, e Raskólnikov sentia culpa pelo sacrifício da irmã, sendo que ele, como homem, em sua mente, é quem deveria auxiliá-las.

> Dissemos ser Raskólnikov o tipo rebelado. "Tipo" diz forma, estrutura, essência – gênese. Raskólnikov, como muitos outros personagens de Dostoiévski, em outras obras, é o modelo, a estrutura, a forma do homem moderno, caracterizado na sua essência como rebelado. A modernidade, sobretudo a modernidade cartesiana, científica, é rebelião. Sim, tempo e história (suceder, acontecer, devir) del'homme révolté .
> Revolta?! Contra quê ou quem? Por quê? Inicialmente, de modo geral, Raskólnikov é rebelado contra a vida, contra a existência. Vida, existência, diz dor. Portanto, a revolta é contra a dor. Dor?! Que dor? Como? Dor de dentes?! A dor da martelada no dedo?! O parto? A passagem do cálculo pela uretra?! Sim, também tudo isso, mas mais do que imediatamente tudo isso, está em questão com esta designação o fundo de tudo isso, a saber, a dor que dói em todas essas dores, em todos esses doeres. E que dor é esta? Nenhuma palpável, mensurável, nenhuma para pôr no laboratório sob a lâmina do microscópio. Nenhuma transmitida por neurônios e sinapses. Trata-se do sentimento, da evidência do pouco, do fraco, do pobre, isto é, o sentimento e mesmo a evidência da vida, da existência como o domínio do limite, o âmbito do finito, da finitude (este será um sentido de culpa, débito, "Schuld"). "Sentimento" ou "evidência", tal como aqui usamos, quer dizer: ser irremediavelmente nisso, ser intransferivelmente assim (i. é,no e como limite, no e como finito/finitude) e dar-se conta disso de modo que se é ou se está neste sentido, nesta determinação, ou seja, nesta experiência (viagem ou história), enfim, ser ou estar no devir deste modo de ser (FOGEL, 2021, p. 1).

Desta forma, planejou o assassinato de uma senhora de penhores, Aliona Ivanovna, a quem já havia entregado alguns poucos bens a juros altíssimos, após ouvir a ideia de outros transeuntes:

> [...] de um lado temos uma velha rica, mas ruim, egoísta e doente, que nem sabe para que vive e que, mais cedo ou mais tarde, vai acabar morrendo mesmo[...] Pois então! De outro lado, temos gente jovem, bondosa, que poderia fazer muita coisa boa, mas não tem condições! Imagine o que poderia ser

> feito com o dinheiro da velha, dinheiro que ela quer dar para um monastério! Ajudar pessoas, tirar famílias da miséria.... é só matar a velha e pegar o dinheiro. [...] (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 37)

Após muito planejar, Raskólnikov comete o crime, não só um, mas dois, já que precisou matar a irmã da senhora de penhores que o flagrou, Lisavieta, para acobertar o crime. Abaixo, cena do Filme Crime e Castigo, de 1970, onde Raskólnikov se encontra à espreita de Aliona (Figura 1):



Figura 1 - Crime e Castigo - Filme de 1970.
Fonte: https://mubi.com/pt/films/crime-and-punishment-1970

Após muita investigação, chega-se ao máximo da obra, objeto deste estudo, onde já investigando a vida do autor do crime, o juiz Porfiri Petróvitch o questiona acerca de um artigo escrito por ele enquanto estudante de Direito e que havia sido publicado em uma revista, onde se vislumbra a real motivação do crime e ainda, outras teoria tais como a existência ou não do crime:

> -Imagine você, Ródia, - começou, Razumíkhin, dirigindo-se ao amigo - , que a questão da vez era a seguinte: existe ou não crime?
> - E o que isso tem demais? - respondeu Raskólnikov, distraído. - É uma questão social das mais banais
> [...] Ródia, ouça e diga o que acha [...] Começaram com a seguinte questão: o crime nada mais é do que um protesto contra a anormalidade das condições sociais.[...] "O indivíduo é fruto do seu meio" é a frase predileta deles. Se a sociedade se constrói de forma normal e justa, então o crime não existe, pois não há motivos para protestar. Tudo muito simples, muito frio até. Como se não existisse a natureza, a humanidade, como se não existisse vontade e sentimento, e tudo se resumisse a um bom quarto e um prato de comida! (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 117)

Chegando ao ponto de referência do artigo de Raskólnikov, o juiz Porfiri menciona que o estudante escreveu um artigo sobre "Direito ao Crime", fato melhor explicado posteriormente pelo personagem. Abaixo, menção feita por Porfiri seguida pela resposta de Raskólnikov e em seguida, cena extraída do filme (Figura 2):

> Sim, diz que há pessoas "comuns" e pessoas "extraordinárias" e que a essas pessoas extraordinárias seria permitido praticar qualquer tipo de crime sem sofrer punição, pelo simples fato de serem extraordinárias. Pelo menos foi assim que me pareceu. [...]
> Não é bem assim - começou Raskólnikov, humildemente. - Eu não digo que as pessoas extraordinárias têm o direito ou a obrigação de praticar crimes. [...] O que fiz foi aludir ao fato de que uma pessoa extraordinária tem o direito, isto é, não o direito legal, oficial, mas o direito pessoal de escolha, de praticar alguns crimes. E isso somente se o crime for parte da realização de alguma ideia, pode até ser um plano salvador, algo que ajude muito outras pessoas. No meu ponto de vista, se fosse necessário um crime para que as descobertas, como as de Kepler e Newton, pudessem ser feitas ou tornadas conhecidas, então seria imprescindível cometê-lo. Newton teria o direito de ultrapassar qualquer obstáculo[....] Se pensarmos agora nos grandes legisladores da humanidade, começando com os mais antigos como Licurgo de Esparta, Salomão, Maomé e até um mais recente, como Napoleão, foram todos criminosos, porque ao colocarem em curso grandes mudanças, estabeleceram ordens, desobereceram todas as leis anteriores. E isso sem falar em todo o sangue que derramaram. Em poucas palavras, se alguém for "extraordinário", se for capaz de dizer e fazer algo novo, este alguém deve ser necessariamente um criminoso. De outra forma, será difícil que realize, de fato, algo novo. [...] Minha ideia principal, na qual acredito piamente, é a seguinte: pelas leis da natureza, as pessoas se dividem em dois tipos, as comuns e as extraordinárias, aquelas que possuem um talento ou dom para alguma coisa nova. O primeiro grupo de pessoas é um grupo de gente conservadora, obediente. [...] O segundo grupo, por sua vez, deve transgredir as normas. E se for necessário passar por cima do cadáver de alguém, então essas pessoas podem (e devem) ter a permissão de fazê-lo. Apenas se for imprescindível e tiver ligação direta à propagação de suas ideias, é importante notar (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 119-120).





Figura 2 - Diálogo entre Raskólnikov e Porfiri.
Fonte: Crime e Castigo (1970) – Legendado PT/BR

Na obra, é possível observar que Raskólnikov sentia fazer parte dos "homens extraordinários", fato que justificaria seu crime. O personagem via-se como uma figura acima do homem médio, já que para ser extraordinário, era necessário transgredir a moral sem remorso e culpa, ou ter direito moral de matar, sentimentos estes que ao decorrer da história, passaram a ser constantes (GOLIN, 2009).

Ou, como de acordo com Fogel (2021), para os extraordinários, os obstáculos são superados com maior facilidade que para os "piolhos", ou meros mortais, já que o embate moral é mais facilmente decidido e não sofrem com o remorso.

Interessante notar o embate moral, já que diferentemente de um psicopata que não sente nenhuma emoção, o homem extraordinário, tal qual como Raskólnikov se via, sentia-as, mas conseguia sufocar qualquer noção de remorso ou pesar ao pensar no bem maior por trás da atitude que se via a cometer, por mais danosa que fosse.

Em termos atuais, o homem extraordinário seria narcisista? Também não, já que as atitudes, ao menos em tese, não serviram ao ideal egocêntrico de seus propósitos, e sim ao bem maior da comunidade que se beneficiaria por trás disso.

É importante lembrar que a obra foi escrita em 1866, e na época a Rússia Czarista passava por muitas mudanças liberais protagonizadas pelo Czar Alexandre II. Poucas décadas antes, com a queda de Napoleão, Alexandre I tomou a iniciativa de concluir a Santa Aliança, criada para suprimir revoluções e mantendo a ideologia Cristã e ideais conservadores, acirrando ainda mais a insatisfação popular que buscava melhorias sociais (SILVA, 2021).

Dostoiévski, ainda inspirou diversos autores, dentre eles, Nietzsche na criação da figura do Super-homem:

> Os personagens de Dostoiévski refletem idéias. Ao criar o personagem Raskólnikov, ele cria um personagem que deseja ser um homem-deus, livre para agir de acordo com suas próprias convicções e sem nenhuma interferência moral. A relação entre o homem-deus de Dostoiévski e o super- homem de Nietzsche é visível. (GOLIN, 2009, p. 113)

Logo, necessária é uma análise detida do que seria o super-homem Nietzschiano e o homem extraordinário a fim de compreender de que forma essas figuras descrevem e se assemelham a alguns personagens históricos.

3 DO SUPER-HOMEM

O Super-homem de Nietzsche se tornou conhecido por meio da obra "E assim falava Zaratustra" onde logo nas primeiras páginas da obra dispara: Eu vos ensino o super-homem. O homem, de acordo com a obra, é uma corda esticada entre o animal e o Super-Homem:

> "Eu vos anuncio o Super-homem". O homem nasceu para ser superado. Que fizeste para o superar?
> Todos os seres, até agora, criaram algo além de si mesmos: e vós, quereis ser a vazante dessa grande maré, e preferis voltar para a besta a superar o homem?
> O que é o macaco para o homem? Uma zombaria ou uma dolorosa vergonha. E tal deve ser o homem para Super-homem: uma zombaria ou uma dolorosa vergonha.
> Fizeste o teu caminho do verme para o homem, e dentro de vós resta ainda muito do verme. Outroras era macaco, e mesmo assim o homem é mais macaco do que qualquer um dos macacos.
> Mesmo o mais sábio de todos vós é apenas uma desarmonia e um ser híbrido de planta e espectro. Acaso vos para tornardes espectros ou plantas? Eis que vos anuncio o Super-homem! O Super-homem é o sentido da terra. Que vossa vontade diga: Super-homem será o sentido da terra.
> [...]O homem é uma corda esticada entre o animal e o Super-Homem - uma corda sobre um abismo. Uma travessia perigosa, uma caminhada perigosa, um olhar perigoso para trás, um perigoso tremer e parar. O que é grande no homem é que ele é uma ponte e não uma meta: o que é amável no homem é ele ser uma passagem e um declínio (NIETZSCHE, 2021, p. 25-27).

No original do autor, em alemão, a palavra é escrita como Übermensch. O Super-homem, é a ilustração de um homem forte e elevado, acima dos padrões comuns da sociedade. Paschoal (2007), menciona que o termo Übermensch foi traduzido para o português como Super-homem, mas alguns autores, como Rubens Torres Filho, aderiram à e expressão "além-do-homem", para não haver a associação temida por Nietzsche à palavra herói. No entanto, nem a expressão "além-do-homem" traduz exatamente a pretensão do autor, já que remete ao sobrenatural.

Nietzsche foi professor de Filologia Clássica na Basileia, e nesse período já era possível perceber o tema em seus escritos, como em uma síntese entre o apolíneo e o dionisíaco, e ainda, em alguns estudos apoiados em Schopenhauer e Wagner. Fez ainda menção ao gênio, aquele homem com habilidades fora do comum (PASCHOAL, 2007).

Na construção do Super-homem, interessante trazer a nuance de que assim como o Super-homem é uma evolução do homem, pode-se dizer que a construção dessa figura é a mudança de seu olhar perante o mundo, como é visto, como se vê e como vê os demais, trazendo à tona a influência de Schopenhauer e seu niilismo, para quem "o mundo é a minha representação: esta proposição é uma verdade para todo ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido" (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9).

Extraindo da própria obra, Nietzsche destacou diversos trechos referentes à importância e notoriedade do Super-homem, a figura que substitui o Deus morto, característica principal da racionalidade e das camadas da densidade do niilismo, marcado pelo ceticismo de uma figura transcendental e benevolente:

> E o grande meio-dia será quando o homem estiver na metade de seu trajeto, entre animal e Super-homem, se mantiver firme, com sua esperança suprema, e festeja seu caminho para o caso, porquanto será o caminho para uma nova manhã.
> Nesse momento, o abatido abençoará a si mesmo, para que ele seja um vencedor, e o sol de seu conhecimento estará ao meio-dia. "Todos os deuses morreram; agora queremos que viva o Super-homem!" Que seja esta, chegando o grande meio-dia, nossa última vontade!"(NIETZSCHE, 2021, p. 83)

O trecho que segue é de importância primordial para compreender o homem extraordinário de Dostoievski que justifica todas as suas ações em que pese crueldade empregada para alcançar objetivos, onde realça a necessidade da malevolência do ser humano para alcançar o patamar além do humano e ultrapassar a corda entre o animal e o super-homem:

> Deus morreu: agora nós desejamos que o Super-homem viva. (NIETZSCHE, 2021, p. 255)
> "O homem é mau". Assim me disse para consolo, todos os mais sábios. Ah, se ainda fosse verdade hoje! Pois o mal é a melhor força do homem.
> "O homem deve se tornar melhor e mais mau", e eu também ensino. O mau é necessário para o melhor do Super-homem (NIETZSCHE, 2021, p. 257).

A obra de Dostoievski ao escrever a jornada de Raskólnikov em busca da redenção divina, teve impacto indireto no curso da humanidade. Inspirado no autor, o Super-homem nietzschiano colaborou com Richard Wagner em suas obras. Apesar de sua genialidade musical, Wagner, além de escrever textos de cunho antissemita, compunha suas óperas realçando o nacionalismo alemão e se baseando em contos. Tal ideal impressionou tanto Hitler, que a ópera "Os mestres cantores de Nuremberg" (*Die Meistersinger von Nürnberg*) foi encenada na Ópera Estatal de Berlim para marcar o início simbólico do Terceiro Reich (REISS, 2021). Esta ópera é considerada a mais germânica de todas as obras de Wagner, onde o personagem principal é retratado como um gênio trabalhando em nome de sua raça (PEREIRA, 2020). Inclusive, curiosamente, Wagner e Nietzsche mantiveram uma longa amizade, até que, por diferenças ideológicas, acabaram rompendo.

Como pondera Carol Diethef (1992), não se pode culpar a Nietzsche pela ascensão do nazismo na Alemanha, até mesmo pelo caráter pró-judeu e anti-nacionalista do autor. Logo, a ascensão de Hitler e sua inspiração nietzschiana não pode significar que de alguma forma Nietzsche contribuiu para os ideais nazistas, e sim houve a utilização indevida de seus textos:

> The rise to power of Hitler in the thirties makes the reception of Nietzsche's ideas extremely complicated to analyze. There were voices raised to point out that Nietzsche was a forerunner of Hitler, foremost amongst them William McGovern, but also Georg Lukacs. io Thomas Mann also had second thoughts. Prominent French critics, whilst bitterly criticizing Hitler, tended to remember Nietzsche's pro-European stance and exonerated him from any link with Nazism. J.E. Spenle pointed out that Nietzsche was the first to diagnose 'le chaos europeen',' ' and M. Nicolas, indignant that Nietzsche's anti-nationalism was being ignored, wrote a lengthy refutal of all criticisms made by Benda.iz There is a tendency to assume that the Nazis were uniformly pro-Nietzschean, but this is not so: C. Steding and H. Hartle, both mindful of Nietzsche's claim to being a "good European', warned their fellow Nazis that Nietzsche's views on the function of the state were unsound.i3 A. Baumler declared that Nietzsche cannot have meant what he said when he affirmed his European allegiance, because a good European is merely a 'Sklaventier'. (DIETHEF, 1992, p. 231-232)

O restante, a história já é bastante conhecida. Hitler, imaginando-se acima do bem e do mal, sendo um homem mau, ou super-homem, ou homem extraordinário, iniciou o holocausto para combater a ameaça judaica e promover a soberania da raça ariana, sendo essa a justificante de seu direito ao crime (que como é sabido, durante a guerra na verdade, o crime contra os judeus foi legalizado visando a ascensão alemã).

4 DO HOMEM EXTRAORDINÁRIO

O homem extraordinário se sente moralmente acima dos demais seres comuns da sociedade. Tal comparação poderia ser analisada a partir de uma alimentação do ego, ou, como a justificação das ações em uma forma de manifestação de poder.

De acordo com Han (2019) o poder pode ser entendido por uma relação causal, sendo ele a causa que gera determinado comportamento no alter, fazendo o ego impor decisões a despeito de considerar o alter, e por essa razão o alter é limitado pelo poder do ego. Dessa forma, o alter sofre de acordo com a vontade do ego, como algo a parte dele, e essa forma de entendimento não é justa ante a complexidade do poder.

O poder não se resume a ultrapassar a resistência ou forma de coerção, pelo contrário, quanto maior o poder, menos barulho ele fará, e onde precisa dar mostra de si mesmo, denota o seu enfraquecimento. (HAN, 2019)

Interessante comparação, pois o homem extraordinário napoleônico de Raskólnikov cometeu as mais diversas atrocidades em busca de se apossar de territórios, não sendo uma silenciosa forma de poder.

Para Han (2019) o poder também não pode ser entendido como uma neutralização de vontade: "Isso significa que, no que se refere ao desequilíbrio de poder existente do lado do subordinado, não se trata da formação da própria vontade, pois ela já deve estar inscrita na vontade do poderoso" (p. 9). Assim, o poder é um "fenômeno da forma", e "decisivo como uma ação é motivada", ou seja, o poder se mostra como poder, se manifesta como o querer e não como um dever, mas deixando ao destino o resultado (HAN, 2019).

Interessante noção do poder na ideologia de Nietzsche é demonstrada por Azevedo e Costa, tendo similaridades com o discurso de Schopenhauer acerca do poder como vontade:

> Se a vida está identificada à vontade de poder que, por sua vez, atua em cada célula, tecido e órgão do vivente, influenciando seus desejos, afetos e paixões, não é surpresa que o campo da moralidade humana se mostre como uma ramificação da vontade de poder (ARALDI, 2012, p. 110-111). Não à toa, Zaratustra dirá que a tábua de valores dos inúmeros povos e culturas nada mais é do que "a voz de sua vontade de poder" (ZA, Das mil metas e uma só meta). Mas nem toda moralidade contribuiria para a afirmação da vida, como no caso da moral dos escravos, que sob a fachada de se colocar ao lado da verdade, da justiça, do bem comum ou do "melhoramento da humanidade", oculta o desejo de aplacar o aspecto agonístico da existência, a partir de uma equalização das forças e uma padronizando as subjetividades. Procedimento denominado por Nietzsche de " amansamento da besta-homem" (CI, os "melhoradores" da humanidade, § 2) (AZEVEDO; COSTA, 2022).

Quanto à coerção, ela não se assemelha à complexidade do poder, significando uma capacidade pequena de mediação e dessa. O modelo da coerção não faz jus à complexidade do poder, simbolizando um alter e um ego agindo em contrariedade a outro, pelo contrário, influência, persuade, até que a sua vontade se entranhe no alter alheio, modificando seu ego e manifeste a sua vontade naquele sujeito (HAN, 2019).

Uma análise sobre a microfísica do poder afirma que o Estado não se encontra na origem de todo poder social, nem mesmo o poder tem origem nos altos escalões

da sociedade. Em uma análise foucaultiana, é possível dizer que os poderes não estão localizados em um lugar específico dentro da sociedade, mas sim, encontram-se distribuídos em uma rede de mecanismos de onde ninguém escapa. Todos em uma sociedade exercem algum tipo de relação de poder, apesar de na Idade Média ser vista por juristas e pensadores, o poder como uma propriedade de direito de um sujeito soberano (DINIZ; OLIVEIRA, 2013).

O direito de cometer um crime se assemelha mais a uma relação de poder autocrático do que propriamente em um direito. Trata-se de manifestar perante a sociedade que o indivíduo é forte, poderoso, imponente e importante o suficiente para corroborar seus desmandos em forma de autoafirmação pessoal, do que necessariamente a conduta de fato ser justificada como bem maior em prol de uma sociedade ou Estado. Uma verdadeira massagem ao ego.

Nesse contexto, não se pode deixar de mencionar Foucault e seus estudos sobre a relação de poder imbricadas na sociedade. Explica-se:

> Experimentemos algumas definições simples e mais correntes do poder. "O poder é a capacidade que tem o Estado para obter obediência dos seus súditos". É impossível dar sentido a esta frase sem colocar alguém na posição do rei, no caso, o Estado. Podemos substituir Estado por autoridade, líder, instituição, mas sempre o poder será alguma coisa que pertence - ou é possuída - por alguma entidade. Também podemos substituir capacidade de obter obediência por capacidade de submeter, por prerrogativa de impor, por probabilidade de influenciar o comportamento - esta última uma definição mais sociológica, weberiana - é inútil: sempre se supõe um rei, uma entidade que submete, que impõe, que influencia.
> [...]
> Passemos a uma noção mais sofisticada: o poder é o conjunto de recursos, de natureza psicológica, material ou econômica, existentes na sociedade, que os indivíduos põem a serviço de uma autoridade suprema, para manter a ordem pública. É esta a noção que corresponde ao conceito de poder em Thomas Hobbes, uma das vertentes do pensamento político moderno. Aqui, de novo, aparecem os mesmos elementos: o poder é um objeto (um conjunto de recursos) possuído pelo rei (a autoridade suprema) e oferecido por seus súditos (os indivíduos da sociedade). Hobbes se encarrega de dar concretude à entidade que detém o poder chamando-a Leviatã. Curiosamente, mas não por acaso, o Leviatã é freqüentemente retratado na figura de um rei. Uma imagem muito conhecida retrata o Leviatã como um rei guerreiro, cujo corpo é composto por uma infinidade de corpos de seus súditos. A significação é clara: o poder do rei é a soma dos poderes de seus simétricos súditos. Mais do que a soma, a incorporação de seus súditos, no sentido literal da palavra. O poder é uma espécie de corpo místico do rei. (ALBUQUERQUE, 1995, p. 107)

E ainda, diretamente do texto de Foucault, a relação entre saber e poder, principalmente quando analisado que na obra russa, o autor do crime via-se como extraordinário justamente por ser detentor de conhecimento:

> Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (FOUCAULT, 1987, p. 31).

No caso do direito ao crime de Dostoievski, a exemplo de Napoleão, como soberano da nação francesa, utilizou todos os recursos disponíveis, financeiros e humanos, invadiu territórios, assassinou milhares de pessoas, em nome da expansão do poderio e território francês. Como detentor do poder, representante daquele povo, seus atos, por mais reprováveis que fossem, foram justificados em nome do bem da França, sem nunca ter sido penalizado por tais.

Como reafirmado por Souza (2008), Dostoiévski foi uma das maiores influências literárias de Nietzsche, que ficou impressionado com o tipo de personagem que o escritor criou, chamado de niilista radical. Esse personagem é inspirado no homem-ideia, produto social e político do movimento Narodniki. O homem-ideia seriam pessoas que vivem e matam em razão de uma causa sem vinculação com a religião, sendo frutos da sociedade liberal que atacam os valores religiosos.

Necessário se faz afirmar, Dostoievski não era um filósofo, e por mais que muitos procurem o niilismo em sua obra, ele não era adepto de alguma posição ideológica ou de argumentação, nem mesmo recorre a alguma tradição metafísica. De acordo com Janicaud, citado por Statkiewicz (2018), Dostoievski pertence ao domínio do mito, onde de maneira moderna, ele faz seus personagens atuarem em o que ele chama de uma "atmosfera da intelectualidade", por meio de raciocínios e justificativas para seus propósitos. Inclusive, Dostoievski tinha suas limitações religiosas, que contradiziam o niilismo.

Feitas estas considerações, passar-se-á a uma análise de eventuais "homens extraordinários" da história atual e recente, principalmente a nível de Brasil.

4 DIREITO AO CRIME NA HISTÓRIA

Pouco antes de se entregar às autoridades, Raskólnikov confessa seu crime a Sônia, ainda tentando procurar justificantes:

> - A história começa assim: eu me perguntei, certa vez, o que aconteceria se Napoleão estivesse no meu lugar, mas, em vez do Egito, de Toulon, dos Montes Brancos, o único obstáculo fosse uma reles velhota usurária. Seria preciso apenas matá-la, o que seria muito simples de fazer, e pegar algum dinheiro. Mas dinheiro que seria usado, que teria um fim digno... Seria isso um grande pecado?
> - Você bem sabe que minha mãe não tem quase nada. Foi por acaso que minha irmã conseguiu se educar, mas estava fadada a ser governanta para sempre. Todas as suas esperanças estavam depositadas em mim.
> [...]
> - Vim estudar na faculdade de Direito, mas não tive condições de me manter. Se tivesse conseguido, talvez daqui a dez anos me tornasse professor ou quem sabe funcionário público, com mil rublos de pensão....
> - Mas até isso acontecer, minha mãe já teria se consumido de preocupação e minha irmã... Quem sabe o que poderia acontecer! Para que levar os estudos adiante então? Se de uma forma ou de outra, as duas continuariam a sofrer... Decidi me apossar do dinheiro da velha e usá-lo para me manter por uns

> anos. Deixaria de preocupar minha mãe, aí então poderia voltar aos estudos, me manter e começar uma carreira... Matei a velha e fiz muito mal, mas.. E isso, que se pode fazer?
> Chegando ao fim da história, ele deixou cair a cabeça.
> - Não, não pode ser - exclamou Sônia, aflita.
> - Mas é assim como você ouviu! E a verdade!
> - E que verdade, meu Deus!
> - Eu matei um piolho, Sonia, um piolho inútil, mau, feio. (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 189)

Na obra original, Raskólnikov ao longo da história vai cedendo a sua culpa e ao amor de e por Sonia, percebendo-se não tão extraordinário quanto pensava, até que ao final aceita sua condição de "piolho" e é encaminhado para a Sibéria a fim de cumprir sua pena.

> - Não, Sônia, não é nada disso - recomeçou ele. - Acabei de dizer que eu não podia me manter na faculdade. Mas a verdade é que podia, e posso. Minha mãe mandaria dinheiro e eu trabalharia para comprar pão, roupas. Daria aulas, como Razumikhin dá! Mas não. Senti raiva e não quis. Foi isso mesmo, senti raiva e então me enfurnei no meu canto, como uma aranha. Você mesma viu onde moro... Odiava, odiava com todas as forças aquele buraco, mas não tinha forças para sair de lá. Precisava estudar, precisava comer, mas não queria. Gostava só de ficar deitado, pensando no escuro. E eu pensava e pensava, tinha sonhos estranhos...
> Raskólnikov falava, mas, embora olhasse para Sônia, já não se importava se ela entendia ou não. A febre o tinha tomado por completo, deixando-o em um êxtase sombrio. Sônia entendia que aquele catecismo sombrio havia se tornado a fé e a lei dele.
> - Eu entendi então, Sônia - continuava ele, entusiasmado -, que o poder é dado apenas àqueles que ousam se arriscar para tomá-lo. Basta arriscar! De repente, tive essa ideia, essa ideia da qual ninguém nunca havia me falado, e tudo ficou claro como o dia: bastava arriscar. E eu quis arriscar e matei... (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 190)

O homem extraordinário, precursor do Super-homem, já foi explicado que indiretamente inspirou Richard Wagner e consequentemente Hitler. O chanceler, nascido na Áustria, mas que chegou ao comando do poder alemão, deu início a um dos maiores conflitos mundiais. Sua política de segregação racial visava a purificação da raça ariana, extermínio de judeus, gays, testemunhas de Jeová, bem como outras minorias. Em que pese a crueldade de suas ações, via-se salvando a Alemanha e reerguendo a nação, quando não passava de um artista frustrado, recusado pela escola de artes de Viena em sua juventude. Sua amargura era um dos justificadores de sua vingança contra a humanidade.

Os colonizadores portugueses e espanhóis, desde que invadiram o continente americano, em nome de suas coroas, em nome do cristianismo, da civilidade, praticaram todo tipo de atrocidade contra os povos originários.

Em nome da hegemonia americana no controle do mercado global, por sua vez, diversos presidentes americanos justificaram o massacre de países do oriente

médio contra uma suposta ameaça terrorista, mas que mascaram o controle do petróleo, tendo como exemplo a guerra do Afeganistão comandada por George W. Bush.

Falando ainda de Estados Unidos, pode-se citar a guerra do Vietnã, que causou enormes prejuízos humanos de ambos os lados, contra a "ameaça comunista" que dominava o país, onde os americanos não admitiam perder território para o lado soviético, sendo um dos embates da chamada guerra fria. No entanto, neste conflito os americanos perderam.

Na história mais recente, ambos os lados, sob o pretexto do alcance de um bem maior, iniciou-se o conflito na Ucrânia. De um lado, os americanos, comandados por Biden, que pretendiam o ingresso da Ucrânia na OTAN, ao lado da rival Rússia. De outro lado, a Rússia de Vladimir Putin, ironicamente a mesma terra de Dostoiévski, que já anexou ilegalmente a região ucraniana da Crimeia, temerosa pela entrada da Ucrânia na OTAN, invadiu o país e até o momento que este artigo está sendo escrito, março de 2023, o conflito não foi resolvido. Ambos os lados em busca de poder.

Na Coreia do Norte, Kim-Jong-un, mantém seu povo em regime de miserabilidade, estando ele mesmo acima de todos, acima de sua família, inclusive mandando matar seu tio e seu irmão, em nome da proteção da soberania, quando na verdade era somente para manter a si próprio soberano.

Em nível nacional, nada melhor do que a análise da Operação Lava-Jato. Esta operação da Polícia Federal teve início em 2014, e teve o envolvimento direto do então juiz Sérgio Moro, que culminou com a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, acusado de corrupção e alavancou a campanha presidencial de Jair Bolsonaro.

Somente neste parágrafo, é possível compreender dois "piolhos" que se consideravam homens extraordinários. Sérgio Moro, acima do bem e do mal, mesmo contradizendo a imparcialidade que era inerente ao cargo que ocupava, conduziu uma investigação a bel prazer de suas convicções, e se tornou ministro de Bolsonaro, aproveitando de sua fama pela prisão de Lula, como salvador da pátria.

Da mesma forma, aproveitando-se do colapso institucional e moral causado pela Operação Lava-Jato, Jair Bolsonaro, utilizando de discursos religiosos, armamentistas e contra a ameaça comunista, fez uso disso alcançou o poder, teve uma das piores gestões da pandemia, manifestou-se contra a vacina, e após a corrida presidencial de 2022 em que perdeu as eleições, atacou o resultado das urnas sob alegações infundadas de fraude e refugiou-se nos Estados Unidos com a intenção de tornar-se mártir. Somente durante a pandemia, 700 mil pessoas morreram, um dos piores índices a nível internacional.

O Supremo Tribunal Federal, principalmente pela figura do ministro Alexandre de Morais, foi acusado de estabelecer uma ditadura do STF, normalizar a censura

e prejudicar Bolsonaro a fim de favorecer o retorno de Lula ao poder após a anulação de suas condenações, ou seja, o ministro é acusado de se ver como o homem extraordinário contra a direita.

Saindo dos casos banalizados pela mídia, quantos crimes são legitimados pelos agentes? Quantos assassinatos são cometidos sob argumentos de os autores terem problemas mentais e terem sido desafiados por jogos? O assassino de uma professora de 71 anos em São Paulo, ainda, o assassino de 4 crianças em uma creche em Blumenau, todos homens extraordinários em suas mentes.

Juízes, quantos são de fato imparciais? Quantas condenações ocorrem justamente como exercício de poder pessoal, não exercício de justiça? Quantas denúncias são oferecidas, pedindo penas absurdas, sob o brocardo informalmente conhecido como "in dubio pau no réu". Quem não se recorda do desembargador que foi aposentado compulsoriamente após ofender um guarda municipal de Santos-SP, em 2020, por não querer usar máscara. Um presente pelo abuso de seu poder e desestímulo ao homem comum que somente queria fazer seu trabalho.

Psicopatas, criminosos habituais, policiais corruptos, todos fundamentam suas ações culpando o sistema, os baixos salários, falta de oportunidades, empregos, estudo. Não deixa de ser uma verdade. Todos quiseram e se enxergam como homens extraordinários, Napoleões, quando na verdade mais se assemelham ao Coringa de Joaquin Phoenix, resultado de ambições pessoais mal resolvidas (Figura 3).



Figura 3 - Joaquin Phoenix em "Coringa".
Fonte: https://www.cineset.com.br/critica-coringa-joaquin-phoenix-2019/

5 CONCLUSÃO

Diversos homens se identificam com o personagem de Dostoievski, veem a si próprios como extraordinários, como Super-Homens, tem a maldade como fator inerente para evitar sentir culpa por seus atos.

Raskólnikov via a si mesmo como extraordinário, justificando sua carnificina na necessidade de matar sua fome, sua vontade de voltar a estudar, por ser mais inteligente que os demais "piolhos" da sociedade, portanto, o bem maior em manter-se vivo era superior à vida da mesquinha senhora de penhores. No entanto, ao final reconheceu-se como tão ordinário como os demais, deixou-se arrepender do seu ato e foi até sua punição.

Quanto aos demais "homens extraordinários" citados, seja Napoleão, Hitler, ou os ainda vivos, Bush, Putin, Biden, ou os nacionais Moro e Bolsonaro, nunca saíram/dificilmente algum dia sairão do limbo da consciência da sua insignificância, ver-se-ão como "piolhos" e assumirão a responsabilidade da atrocidade de seus atos.

Enquanto isso, resta aos demais os verem como "piolhos" que são e jamais procurarem justificativas nacionais para atos individuais que compactuam com interesses próprios, que nada tem de bem maior, aceitando sua condição de humano médio, aceitando sua condição de animal, suas fraquezas, alegrias e buscar um sentido à existência terrena.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. **Michel Foucault e a teoria do poder.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 105-110, outubro de 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ts/a/B5x4ypvScSqMBjSb6hchGHD/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 07 abr. 2023.

AZEVEDO, Maria Carolina Braz da Silva; COSTA, Wgson Rafael Silva da. **Da moral dos escravos aos direitos humanos:** as críticas de Nietzche e Foucault". Revista Videre 14 (29):279-97. 2022. https://doi.org/10.30612/videre.v14i19.14254.

DIETHEF, Carol. **Nietzsche and nationalism.** History of European Ideas, 14(2), 227–234, 1992 . doi:10.1016/0191-6599(92)90250-g

DINIZ, Francisco Rômulo Alves; OLIVEIRA, Almeida Alves de. **Foucault: do poder disciplinar ao biopoder.** Scientia, v. 2, n. 3, p. 01-217, 2013.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo.** Tradução: Yuri Martins de Oliveira. Jandira: Principis, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.

GOLIN, Luana Martins. **O niilismo em Dostoiévski e Nietzsche**. Correlatio, v. 8, n. 16, p. 109-118, 2009.

FOGEL, Gilvan. **Rodion Raskólnikov ou do pretenso direito ao crime:** Apontamentos/itinerário para uma leitura de Crime e Castigo. RUS (São Paulo), v. 12, n. 18, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/181792. Acesso em: 8 abr. 2023.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra.** Tradução: Erika Patricia Moreira, João Pedro Nodari, revisão de Ana Carolina Morais. Brasil: Pé da Letra, 2021.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **A palavra** Übermensch **nos escritos de Nietzsche.** Cadernos Nietzsche, n. 23, p. 105-121, 2007.

PEREIRA, Joseane. **Antissemita e ídolo de Hitler:** Richard Wagner, o autor da ópera que foi reproduzida em vídeo de Roberto Alvim. 2020. Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-quem-era-richard-wagner-autor-da-opera-que-foi-reproduzida-em-video-de-roberto-alvim.phtml?utm_source=site&utm_medium=txt&utm_campaign=copypaste Acesso em: 07 abr. 2023.

REISS, Carlos. **O legado de Richard Wagner e a ópera a serviço do nazismo.** 2021. Disponível em:https://www.plural.jor.br/colunas/holocausto-e-atualidade/o-legado-de-richard-wagner-e-a-opera-a-servico-do-nazismo/

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação.** Tradução: M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SILVA, Esther Maria Veiga da. **Relações entre lei, moral e justiça em crime e castigo, de Fiódor Dostoiévsk.** Trabalho de Conclusão de Curso, 2021. PUC Campinas.

SOUZA, José Zacarias de. **Nietzsche e Dostoiévski:** uma possível conexão. 2008. Disponível em: https://www.consciencia.org/nietzsche-e-dostoievski-uma-possivel-conexao Acesso em: 08 abr. 2023.

STATKIEWICZ, Max. **"Feeling of Thought":** Nietzsche's and Dostoevskii's Experience with Nihilism. Russian Literature, 95, 1–32. 2018 Doi:10.1016/j.ruslit.2018.01.001